



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LÍVIA RAQUEL FORTUNATO PAULINO

**AS POSSIBILIDADES DO USO DO PORTFÓLIO DIGITAL
NA PRÁTICA DOCENTE**

CAMPINA GRANDE – PB
2012

LÍVIA RAQUEL FORTUNATO PAULINO

**AS POSSIBILIDADES DO USO DO PORTFÓLIO DIGITAL
NA PRÁTICA DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ms. Maria Lúcia Serafim

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

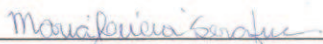
P328p digital	<p>Paulino, Lívia Raquel Fortunato. As possibilidades do uso do portfólio na prática docente [manuscrito] / Lívia Raquel Fortunato Paulino, 2012. 23 f. : il. : color</p> <p>Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012. “Orientação: Prof. Ma. Maria Lúcia Serafim , Departamento de Pedagogia”.</p> <p>1. Didática 2. Tecnologia Educacional 3. Portifolio Digital I. Título.</p> <p>21. ed. CDD 371.334</p>
------------------	--

LÍVIA RAQUEL FORTUNATO PAULINO

AS POSSIBILIDADES DO USO DO PORTFÓLIO DIGITAL À PRÁTICA
DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Graduação
em Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba em
cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Aprovada em 30/11/12



Profª Msª Maria Lúcia Serafim / UEPB

Orientadora



Profª Msª Teresa Cristina Vasconcelos / UEPB

Examinadora



Profª Drª Marta Lúcia de Souza Celino / UEPB

Examinadora

AS POSSIBILIDADES DO USO DO PORTFÓLIO DIGITAL NA PRÁTICA DOCENTE

PAULINO, Livia Raquel Fortunato¹

RESUMO

O presente artigo vem relatar o resultado de uma pesquisa realizada nos meses de outubro e novembro de 2012 com alunos e professores de uma escola municipal de Campina Grande-PB, durante o estágio supervisionado VI. O objetivo da pesquisa foi apresentar o portfólio digital como um recurso que pode ser introduzido na sala de aula como linha metodológica. A linha metodológica utilizada foi a pesquisa ação, onde através da regência em sala de estágio supervisionado foi possível estabelecer vínculos com professora e alunos da turma pesquisada. O embasamento teórico deu-se a partir de Moran (2008), Hernandez (1998), Candau (1983), Freire (1996), Kenski (2007) entre outros. A relevância deste tempo de aprendizado está no desejo que se tem de contribuir com o debate sobre o tema enfocado, uma vez que o uso do portfólio digital proporciona aos alunos e aos professores o estímulo a estar cada vez mais capacitado em relação às tecnologias da sociedade da informação e da comunicação e o redimensionamento da prática pedagógica e da produção e socialização de conhecimentos.

Palavras-chave: Portfólio Digital. Avaliação. Tecnologias Digitais. Didática.

1. INTRODUÇÃO

O mundo está em constante mudança e no cenário atual a tecnologia torna-se eminente em todos os setores da vida humana, e a informação chega cada vez mais rápida a todos nós. Neste sentido, as escolas e os docentes devem estar sempre se atualizando em relação às novas tecnologias e proporcionando metodologias mais próximas das necessidades dos alunos

¹Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba/
livia_rakel@hotmail.com.

frente às demandas do seu tempo. De acordo com essa perspectiva, o corpo docente está a cada dia mais “dominando” as novas tecnologias e, de certa forma, “exigindo” que estas estejam presentes em sala de aula.

Um dos grandes problemas que se percebe em relação à introdução das TIC² nas escolas é um dilema bastante comum na fala de muitas professoras: “É muito trabalhoso, muito difícil trabalhar tal tema com os alunos”. Logo, fica evidente que o problema em si não é somente a dificuldade de introduzir este tema nas escolas, mas também a falta de qualificação ainda evidenciada na formação docente no tocante à inserção de tecnologias e mídias no seu trabalho pedagógico.

Tendo em vista a necessidade da presença cada vez mais constante das TIC nas escolas e considerando as limitações existentes no espaço escolar pesquisado, este texto vem problematizar as possibilidades do uso do portfólio digital na prática docente. O estudo se deu no período de outubro a novembro de 2012 durante o estágio supervisionado VI, em uma escola municipal de Campina Grande-PB, localizada no bairro Alto Branco, numa turma de 5º ano – Ensino Fundamental, composta por 24 alunos, com idades de 10 a 14 anos e a professora da turma.

Apresentar o portfólio digital como um recurso que pode ser introduzido na sala de aula como linha metodológica, pode vir a se constituir como uma quebra de paradigmas, ajudando o professor a se capacitar e a romper com as dificuldades que o mesmo tem em relação às tecnologias digitais, possibilitando-lhe dinamizar suas aulas e se atualizar tecnologicamente.

O estudo abordou as ferramentas digitais como *editor de texto: Word* e *editor de apresentação: PowerPoint*, mostrando para professora e alunos para que servem e como utilizá-las, e capacitando os mesmos para, a partir daí, introduzir o tema *Portfólio digital* como uma proposta metodológica inovadora em sala de aula.

O embasamento teórico da pesquisa deu-se a partir da compreensão de: Candau (1983) sobre a necessidade de articulação da didática às diferentes dimensões do processo ensino-aprendizagem; Freire (1996), que considera que só há ensino se houver aprendizagem; Hernandez (1998), sobre a

² Tecnologias de Informação e de Comunicação

importância da introdução do portfólio na prática docente; Kenski (2007) sobre a evolução e a importância das tecnologias; Moran (2008), sobre a importância da escola em ser um ambiente centrado no aluno, em seus interesses e não apenas em conteúdos, a qual torna clara a necessidade de bons profissionais da educação e, sem dúvida, uma boa formação para os mesmos; entre outros.

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E INCLUSÃO DIGITAL

Para compreender a evolução tecnológica presente nos nossos dias, em primeiro lugar, precisamos entender o que são as tecnologias e por que elas são e sempre foram essenciais para o ser humano em todo o seu processo evolutivo. Fazendo um breve histórico sobre a origem e a evolução da tecnologia Kenski (2007, p.15) afirma:

As tecnologias são tão antigas quanto à espécie humana. (...) O uso do raciocínio tem garantido ao homem um processo crescente de inovações. Os conhecimentos daí derivados, quando colocados em prática, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramentas, enfim, a tecnologias. (...) Tecnologia é poder.

Kenski (2007, p. 19) afirma que “As tecnologias invadem as nossas vidas, ampliam a nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano.”

De acordo com essa compreensão, a introdução das tecnologias, sejam elas quais forem, mudam nossas vidas, tornando-nos, inclusive, dependentes das mesmas. Um exemplo bem claro disso é o fato de que, há algum tempo, antes da criação do celular, todos vivíamos tranquilamente sem a necessidade de utilizar seus serviços. No entanto, hoje, não nos imaginamos vivendo sem um celular, pois, essa tecnologia tornou-se essencial para nossas vidas.

Kenski (2007) diz que desde a Idade da Pedra os homens que dominavam elementos da natureza como o fogo, a água, um pedaço de pau ou osso de animal era considerado superior aos outros que não tinham tais habilidades. Logo após as pedras o homem começou a utilizar outros recursos mais avançados tecnologicamente, que atendessem às necessidades humanas

do momento. Os que dominavam tais habilidades eram considerados mais avançados, mais superiores que os outros, portanto, mais evoluídos tecnologicamente.

O conceito de tecnologias entra como uma quebra de paradigmas, aonde apenas as máquinas e as tecnologias digitais são consideradas como desenvolvimento tecnológico. A criação dos óculos, por exemplo, foram um avanço tecnológico, assim como a caneta esferográfica, as bombas, os foguetes, a energia elétrica e o computador.

Um novo tipo de tecnologia também se faz presente em nosso cotidiano, é o que chamamos de Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) e Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (NTIC). Em se tratando da primeira Kenski (2007) afirma que nelas estão presentes as mídias como: rádio, cinema, jornais, revistas, vídeo, etc. Porém, o processo de modernização exigiu maiores avanços das TIC. A partir disso, surgem as NTIC, que é a produção e propagação da informação em tempo real. Nas NTIC estão contidas a TV digital, as redes digitais, a *internet*, as salas de bate-papo como o *chat*, *entre outros*³.

Tal evolução tecnológica, na atualidade, torna-se de suma importância já que a introdução das NTIC se institui como essencial para o desenvolvimento e necessidade humana.

No que concerne a inserção das NTIC no processo de ensino-aprendizagem, considerando que a escola, segundo Kenski (2007. p. 63), “(...) é uma instituição social, que tem importância fundamental em todos os momentos de mudanças na sociedade”, faz-se mister afirmar que a mesma não pode isentar-se de tal responsabilidade. Sobretudo, porque não podemos pensar em aprendizagem sem recursos necessários para que a mesma ocorra. Contudo, não é suficiente apenas comprar máquinas, reconhecer as ferramentas digitais se não se sabe utilizá-las, se não se tem preparação para isso. A proposta de inclusão digital vai muito mais além, ela envolve a utilização pedagógica e social das mesmas tanto pelos alunos quanto pelos profissionais da educação de forma efetiva, como forma de produzir e socializar conhecimentos.

³ Grifo do autor

PORTFÓLIO DIGITAL: PARA QUÊ?

Durante muito tempo, a aprendizagem foi vista como mera acumulação, depósito de conteúdos, o que Freire (1987) chama de “educação bancária”, aonde o aluno tinha que decorar conteúdos puramente cognitivos e no dia da prova o professor faria uma espécie de “saque”, sendo pedido de volta tudo exatamente igual ao que foi depositado. O ensino era visto de forma técnica e mecânica. Porém, isso não corresponde mais a uma sociedade repleta de transformações, que exige dos sujeitos uma postura ativa diante da realidade, para os quais a escola representa um canal de acesso às inovações tecnológicas.

Neste sentido, o portfólio digital entra como uma ferramenta pedagógica que possibilita a professores (enquanto avaliadores) e alunos (enquanto avaliados e construtores do seu próprio saber) possibilidades de superar uma educação e uma aprendizagem passiva.

Um dos maiores problemas em relação à introdução das novas tecnologias na escola é a falta de preparação e de conhecimento dos professores. Segundo a gestora da escola, os professores relatam que é bastante trabalhoso explorar computador e *internet* com os alunos, até mesmo porque a escola não dispõe de recursos suficientes e laboratórios com estrutura satisfatória. Entretanto, um dos problemas da escola é ser, como afirma OTT (1983, p. 66),

Uma escola que se diz igualitária e promotora das iniciativas individuais e que na prática exige uma adaptação passiva para todos, destacando os que mais se ajustam e concorrem para a confirmação e manutenção dos ideais já estabelecidos.

Portanto, uma escola que não permite à classe social menos favorecida oportunidades igualitárias, não está cumprindo seu papel de ser um ambiente formador de opiniões, de cidadãos críticos e ativos. Muitos educadores não oportunizam os alunos que não se ajustam aos objetivos previstos pela escola por considerarem mais trabalhoso, mais difícil. É muito mais cômodo manter um alunado passivo, que não discutam e só memorizem informações, aonde os

que se adaptam melhor à forma de ensino do professor sejam mais reconhecidos e mais valorizados. Entretanto, a escola precisa rever a sua função perante a sociedade, que nos dias atuais exige cada vez mais cidadãos formadores de opiniões e reflexivos.

Cabe ao professor romper barreiras e proporcionar novas oportunidades aos alunos estimulando-os a serem pesquisadores, de modo que não se limitem apenas ao espaço escolar, mas também ao extra-escolar.

Uma das formas de o professor ajudar a romper com essa barreira é a de mudar sua forma de avaliar o aluno. Muitos professores avaliam de forma homogênea, sem considerar que a escola é um lugar heterogêneo, sendo assim, as formas de avaliar os alunos também devem ser heterogêneas. Como avaliar da mesma forma alunos que aprendem de formas diferentes? Esse é um paradoxo da avaliação.

Segundo Wachowicz (2006, pág. 135)

*Avaliar quer dizer não valorar, ou seja, não atribuir valor ao que está sendo avaliado. O prefixo *a*⁴ significa *não*⁵ e a palavra *valiar*⁶ significa atribuir um valor. Se esse estudo da etimologia da palavra estiver certo, então, chegamos ao ponto em que a teoria da *avaliação*⁷ já chegou: podemos e devemos *descrever a aprendizagem e suas manifestações, mas não podemos atribuir-lhes um valor*.⁸*

Considerando tal definição, não se está aqui dizendo que o professor não deva utilizar a nota para definir a aprendizagem do aluno, ou até mesmo a prova, talvez esteja, ainda, um pouco longe de tal objetivo, porém, a atribuição da nota ao aluno a partir de respostas mecânicas e memorizadas não define se houve ou não aprendizagem significativa. Logo, vem-se a partir desse questionamento mostrar a importância de o professor utilizar novas ferramentas em seu fazer pedagógico, que possibilite a sua percepção em relação à aprendizagem do aluno, ou seja, mostre de forma clara e concisa que efetivamente este aluno aprendeu e se desenvolveu cognitivamente.

Como afirma Freire (1996, p. 90),

⁴ Destaque do autor

⁵ Destaque do autor

⁶ Destaque do autor

⁷ Destaque do autor

⁸ Destaque do autor

Não devo pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vêm sendo expostos ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas, mas, ao mesmo tempo, a maneira mais aberta, dialógica, ou mais fechada, autoritária, com que este ou aquele professor ensina.

Logo, os conteúdos não são, em sua totalidade, suficientes para garantir a aprendizagem do aluno, mas, a forma como são ensinados é que possibilitará a aprendizagem. Como enfatiza Freire (1996, p. 47) “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Ainda segundo Freire, ensinar exige curiosidade, exige bom senso, exige criticidade. Neste sentido, “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*”. (FREIRE 1996, p. 85) Porém, não tem como ser curioso se não são oferecidas condições para isso.

Não podemos esquecer que, para que haja aprendizagem o professor deve considerar todas as dimensões que constituem a pessoa.

De nada adianta o professor dominar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula se não tem em sua prática “a arte de ensinar tudo a todos”, ou seja, independente da classe social, dos níveis de aprendizagens, o professor tem que estar apto a atender às necessidades educacionais do aluno, sejam elas motora, emocional ou cognitiva. Como afirma Almeida (2004, p. 119)

[...] aprender, para nós e para os alunos, não significa simplesmente organizar informações, mas selecioná-las, organizá-las e interpretá-las em função de um sentido que lhes atribuímos, decorrente de nossa biografia afetivo-cognitiva.

Portanto, os docentes devem estar atentos ao que os alunos estão desenvolvendo de fato para que haja aprendizagem significativa. De acordo com essa compreensão, as redes de comunicação são de suma importância para o processo ensino-aprendizagem, frise-se que, segundo Kenski (2007), a linguagem digital é considerada a “terceira linguagem”, enquanto a “linguagem

oral” é considerada a primeira e a “linguagem escrita” a segunda. Portanto, ela é tão importante quanto às outras. Kenski (2007, p. 47), ainda afirma que “em relação à educação, as redes de comunicação trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com os conhecimentos e aprender”. É neste sentido que, as tecnologias digitais também contribuem para o processo ensino-aprendizagem de modo significativo e como tal, pode-se usufruir do conceito e prática do que é portfólio para se pensar o portfólio digital.

Para Hernandez (1998, p.100), o portfólio é um:

Contínente de diferentes classes de documentos (notas pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controle de aprendizagem, conexões com outros temas fora da Escola, representações visuais, etc.) que proporciona evidências do conhecimento que foi construído, das estratégias utilizadas e da disposição de quem o elabora em continuar aprendendo.

O portfólio digital é um recurso bastante propício para esta proposta, onde o conhecimento não é apenas uma transferência ou uma memorização, pelo contrário, é uma constante construção, onde professor e alunos aprendem juntos, interagem, criticam, constroem e desconstroem, sempre com a consciência de que o conhecimento humano é sempre inacabado.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a introdução do portfólio digital na escola e na prática docente pode ser um elemento favorecedor ao caminho avaliativo empreendido pelo professor sobre sua turma e seus alunos. As crianças e jovens hoje vivem diante das telas que são o computador, o celular, a TV e o vídeo game e não podem continuar sendo avaliadas como se estivessem fora deste domínio de habilidades, por isso, podem usufruir dos ambientes digitais como os trabalhados durante esta intervenção e assim produzirem escritas, imagens, cenários, análises, resumos, etc.

Logo, fica evidente que o portfólio não é um fim, mas um meio onde o aluno irá alcançar seus objetivos em se tratando da aquisição de conhecimento. Portanto, o portfólio digital vem como uma proposta metodológica que proporcione ao aluno oportunidades deste conhecer mais sobre determinados conteúdos, de forma dinâmica e agradável, utilizando as

ferramentas digitais. Contudo, o portfólio digital permite ao aluno não só escrever informações, mas, também, construir cotidianamente, de forma crítica e autônoma, novos conhecimentos nas disciplinas escolares, ou seja, o aluno vai escrevendo em seu portfólio as dificuldades que teve em determinado conteúdo, as contribuições que eles deram, e o desenvolvimento da aprendizagem como um todo.

A partir daí, podemos considerar o portfólio digital como um primeiro passo rumo a uma avaliação crítica e coerente. Desse modo, é tão relevante quanto qualquer outro tipo de avaliação. É nele que os alunos irão utilizar cores, textos, formas, explorar a curiosidade e a criatividade, expressarão o que aprenderam e estão aprendendo em determinado conteúdo.

Não podemos desconsiderar a importância de o professor ter seu próprio portfólio digital, aonde relate o desenvolvimento de cada aluno. No entanto, é a partir dos portfólios produzidos pelos alunos que o professor fará o seu portfólio, aonde este deverá conter as etapas que foram produzidas pelos alunos e o que estes consideraram relevantes para a aprendizagem. Por isso cabe reiterar que a importância do uso do portfólio também se dá pelo fato de que o mesmo é um recurso que possibilita uma forma contínua de avaliação, afinal, devemos avaliar o aluno não pelo seu produto, mas pelo processo como um todo.

Não é uma prova ao final de cada bimestre que dirá se o aluno aprendeu efetivamente determinado conteúdo, mas sim o constante processo de aprendizagem. Assim, na construção do portfólio o aluno não vai decorar, mas, sim, aprender os conteúdos de forma efetiva, construir um conhecimento, relevante e significativo, por meio da organização, classificação e registro de dados que podem viabilizar novas práticas, delimitar as dificuldades para a superação de conceitos arraigados, sanar as dúvidas sobre implementação de inovações, apreender os avanços e retrocessos, os percalços e sucessos do processo pedagógico.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

A escola precisa parar de olhar apenas sobre a ótica do adulto, ela precisa perceber quais são os interesses dos alunos e qual sua realidade social, sempre considerando que o processo de ensino-aprendizagem deve proporcionar ao aluno inclusão e não marginalização social

Neste sentido, é preciso discutir outras formas de ver a educação, como também permitir outras formas de ensinar e aprender. Por isso, o presente estudo se estrutura na linha metodológica de uma pesquisa ação. Thiollent (2009, p.2) define pesquisa-ação como aquela que:

[...] consiste em acoplar pesquisa e ação em um processo no qual os autores implicados participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos, identificando problemas coletivos, buscando e experimentando soluções em situação real.

Logo, não existe pesquisa-ação sem interação entre pesquisador e seu objeto de estudo. Considerando tal definição, foi-se à escola detectar justamente quais os problemas coletivos mais relevantes no momento para, a partir daí, colocar em prática o projeto. A pesquisa foi realizada no período de 22 de outubro à 14 de novembro. À priori foi apresentada a ideia à coordenadora da escola, bem como à professora. É importante ressaltar que todo o período de atuação não serviu para denominar a prática da professora como certa ou errada, mas para ajudá-la a visualizar novos horizontes em relação a sua prática docente, prática esta que deve estar inserida nos anseios de uma sociedade digital. Foi a partir daí que se começou a trabalhar as tecnologias digitais, com o objetivo de proporcionar aos alunos inclusão digital, algo que está cada vez mais exigido perante uma sociedade cada vez mais informatizada.

A preocupação aqui não é com os resultados obtidos, já que estes podem ou não ser satisfatórios, mas com a visualização do processo em que os participantes foram inseridos.

A pesquisa deu-se em duas semanas, onde na primeira semana foram levantados dados sobre o que os alunos e a professora já sabiam em relação

às ferramentas computacionais e, na segunda semana, foram realizadas as aulas práticas de fato.

A linha metodológica segue-se pela divisão de três etapas:

- Na primeira etapa foi realizada a aplicação de um questionário com dez perguntas para os alunos e para a professora da turma, com o objetivo de verificar o que eles já sabiam sobre as tecnologias digitais.
- Na segunda etapa fomos para a aula prática. Foram feitas duplas onde foram apresentadas, para os alunos e para a professora da turma, as ferramentas digitais Word e PowerPoint.
- Na terceira e última etapa foram construídos os portfólios digitais.

RELATO DE EXPERIÊNCIA – INTERVENÇÃO NO CAMPO DE ESTÁGIO

No primeiro contato que se teve com os alunos para começar a aplicar o projeto, foi perceptível a animação dos mesmos em aprender e poder explorar algo que tanto os interessa “as tecnologias digitais”. Segundo Prandini (2004, p. 43), o professor precisa reconhecer que

(...) não se trabalha nunca apenas com funções e conteúdos puramente cognitivos, mas há sempre participação de condições orgânicas e afetivas que colaboram ou se opõem ao processo de aprendizagem.

Prandini (2004, p. 44), ainda afirma que “(...) nenhum conteúdo é aprendido pela pessoa sem que seja modelado pelos afetos, pelo sentido que a aprendizagem do conteúdo em questão tem para o sujeito que aprende”.

Para que o contato com as ferramentas computacionais fosse mais produtivo a pesquisa foi realizada com metade da turma e com a sua professora, pois a escola não dispunha de computadores suficientes e não tinham o *Windows* instalado nos computadores. Isso não incomodou tanto nem desqualificou o projeto, já que se trata de uma pesquisa qualitativa em que não é o resultado obtido que irá definir se a pesquisa foi relevante, mas sim o processo. A partir daí, foram feitas seis duplas de trabalho, e todo o processo

foi sendo realizado, dupla por dupla e com a professora. Esse método foi adotado pelo fato de se poder trabalhar de forma mais direcionada, ou seja, em cada dupla de participante o pesquisador podia perceber quais as dificuldades mais presentes, como também quais os interesses e aprendizagens. Outro fator que também contribuiu para esse método foi o fato de os alunos em conjunto se sentirem mais à vontade para expressarem suas ideias. Porém, é importante ressaltar que para o processo avaliativo, é mais viável o docente proporcionar condições para que os portfólios sejam construídos individualmente, mas, como foi o primeiro contato deles com o portfólio digital, sentiram-se mais confortáveis junto a um colega. Em relação à professora, esta presenciou a construção realizada pelas duplas e foi mostrado a ela como esta ferramenta digital pode ser relevante para a sua prática docente.

Em uma semana de atuação em sala de aula se pôde perceber o quanto os alunos se interessam e necessitam de aulas mais didáticas e mais estimuladoras, onde a sua voz seja ouvida e onde seus interesses sejam considerados.

No tocante a elaboração do portfólio digital, não se podia partir diretamente para sua construção sem antes apresentar as ferramentas computacionais *Word* e *PowerPoint*. Para isso, foi apresentado, à priori, o que é o *Word* e para que serve.

A *Microsoft Office Word* é um processador de texto produzido pela *Microsoft*, faz parte do conjunto de aplicativos *Microsoft Office*. Esse editor de texto foi escolhido para a realização da pesquisa por ser um dos mais utilizados atualmente. Os computadores presentes na escola continham o programa Linux educacional, o que também não impede de ser utilizado, porém, por questão de afinidade e conhecimento utilizou-se o *Windows*. Com isso, disponibilizou-se de um Notebook e como a pesquisa estava sendo realizada a partir de duplas esse meio foi mais acessível, também por se perceber que a maioria dos alunos envolvidos na pesquisa não sabia muito sobre essas duas ferramentas computacionais. Na ferramenta *Word*, os alunos escreveram textos, aprenderam a salvá-los e a utilizar várias ferramentas.

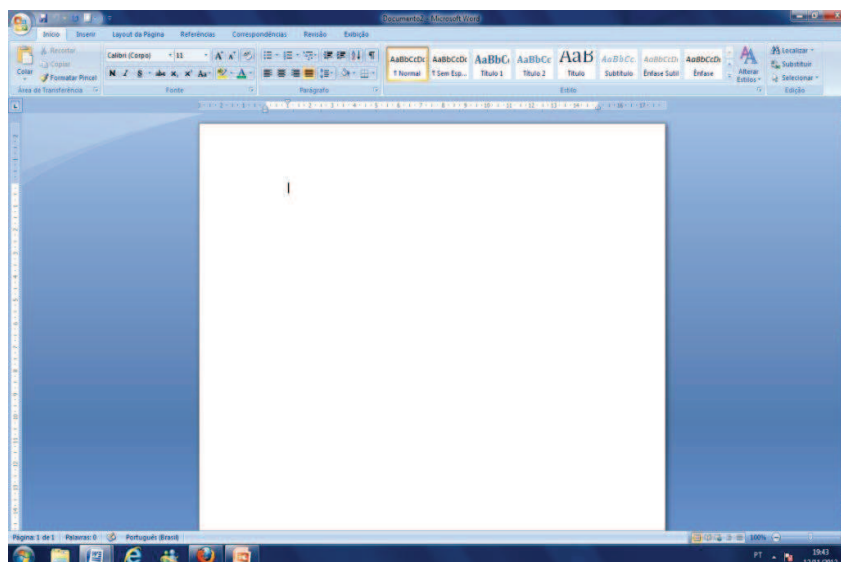


Figura 1- Screen hot do editor de texto (Word)

Em seguida, foi apresentada a ferramenta *PowerPoint*, que é um programa utilizado para criação/edição e exibição de apresentações gráficas, originalmente escrito para o sistema operacional *Windows*. Nele, os alunos conheceram o que, como fazer e como salvar um slide. A princípio, ficaram admirados, pois nunca tinham elaborado um slide. Uma aluna ainda perguntou: “tia e o que é um slide?”, dando a perceber o quanto os alunos se interessaram em saber o que estava sendo exposto e como utilizar em trabalhos posteriores. Outro exemplo disso foi a fala de uma aluna que indagou: “tia posso utilizar também para apresentar outros trabalhos?”, tornando-se evidente que as tecnologias digitais são de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

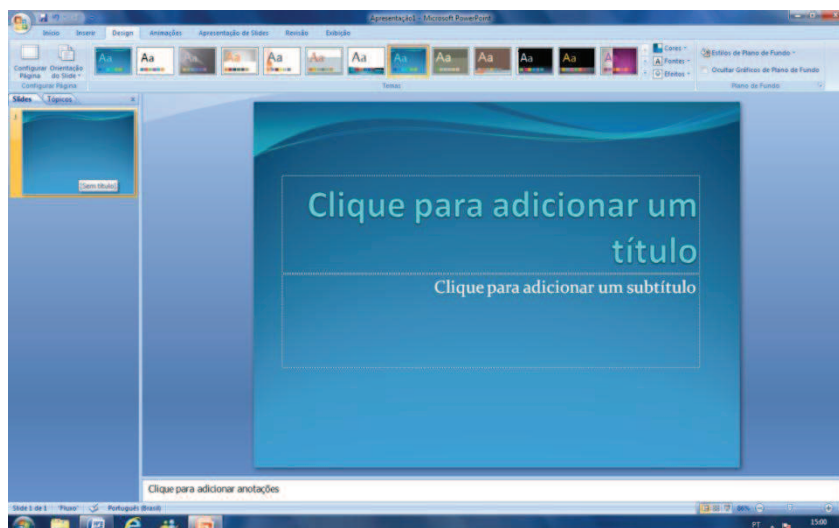


Figura 2- *Screen hot do editor de apresentação (PowerPoint)*

Após a apresentação das ferramentas computacionais e a familiarização com as mesmas, foi apresentado um portfólio digital para os alunos, para que a partir dele os mesmos construíssem os seus. Logo após, os alunos foram, de fato, para a construção do seu portfólio digital.

A princípio, tiveram muitas dúvidas sobre como fazer e o que fazer. Porém, após algumas explicações, eles começaram a se sentir “familiarizados” com o assunto. Tornando compreensíveis as dúvidas de todos, afinal, nunca tinham construído um portfólio digital.

Foi sendo explicado que no portfólio digital deveriam ser colocadas as dúvidas que tiveram no processo de ensino e suas aprendizagens, escrevendo todas as informações em um processo, como se fosse um álbum, onde as fotos mais antigas ficariam atrás e as mais recentes na frente. Assim, também deveria ser a construção do portfólio, aonde as dúvidas e aprendizagens mais antigas fossem abrindo espaços para as mais recentes, todas colocadas em uma sequência.

Todos compreenderam e acharam “o máximo”, sentiram-se capazes, felizes e autônomos. Revisaram todos os conteúdos que tinham sido discutidos em sala de aula e escreveram o que aprenderam o que realmente chamou à atenção, pelo interesse e comprometimento.

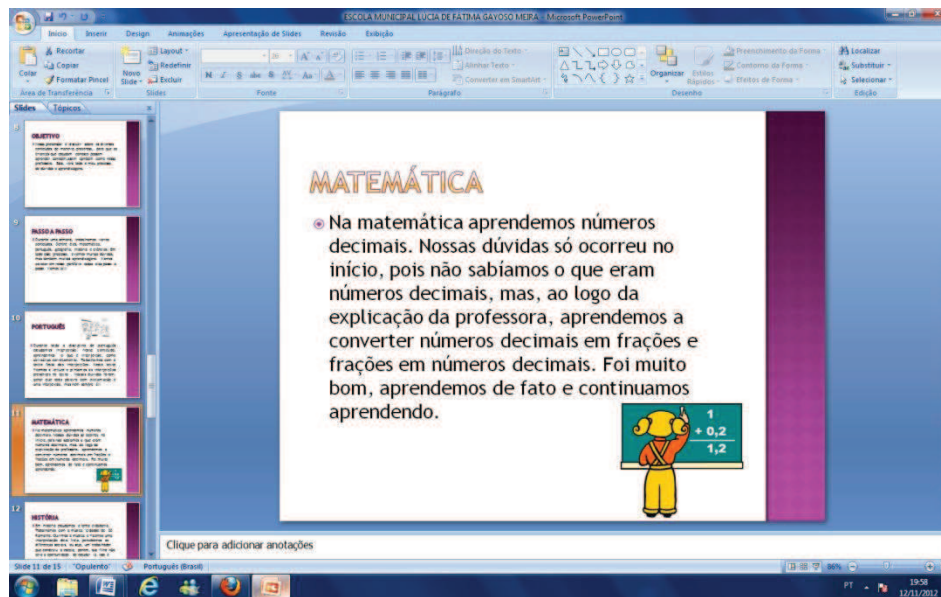


Figura 3- *Screen hot do portfólio digital construído pelos alunos*

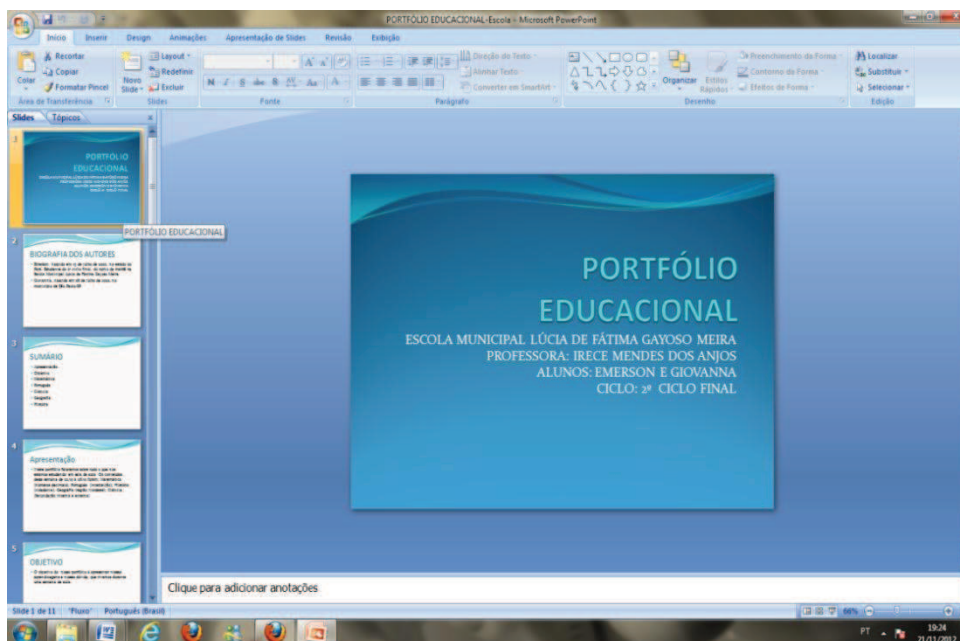


Figura 4- *Screen hot da apresentação do portfólio digital construído pelos alunos*

Em relação à professora, foi aplicado um segundo questionário, com os seguintes itens:

PROFESSORA PARTICIPANTE	
ITENS	RESPOSTAS
Formação pedagógica	Formada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB e especializada em Comunicação Educacional
Possui curso de informática	Sim, pelo município
Utiliza as ferramentas digitais em sala de aula	Sim, uma vez por semana
Tempo que leciona	27 anos no município e professora aposentada pelo Estado da Paraíba

O fato de a professora já utilizar ferramentas digitais em sala de aula, mesmo que não seja no sentido da avaliação proposta, já facilitou o desenvolvimento da intervenção. Foram apresentadas propostas de como utilizar o portfólio digital como um método avaliativo, ou seja, ideias que possibilitassem a percepção docente em relação à aprendizagem discente. Mas antes, seguiu-se com ela o mesmo caminho que foi percorrido com os alunos. Passando pelo editor de texto *Word*, o editor de apresentação *PowerPoint* e, por fim, pela apresentação do portfólio digital.

A primeira proposta apresentada foi a de que a professora envolvida na pesquisa se comprometesse em continuar com as construções do portfólio digital aperfeiçoando cada vez mais. Logo, no mínimo uma vez por semana, a professora proporcionaria oportunidades para que os alunos pudessem construir seus portfólios digitais, sempre com a sua orientação, o que não seria difícil, já que a mesma afirmou utilizar o laboratório de informática uma vez por semana. Quanto aos alunos, estes continuariam a proposta inicial do portfólio digital, a de seguir uma sequência de informações, de construção do saber, onde seriam colocadas suas dúvidas e aprendizagens durante todo o processo

de ensino. Com isso a professora avaliará o desempenho semanal dos alunos, ou seja, avaliando-os continuamente.

Outra proposta de como utilizar o portfólio digital na prática docente, seria a de após a construção semanal do portfólio digital, a professora proporcionar oportunidades de verbalização dos portfólios, momento em que cada aluno apresentaria o seu portfólio para os colegas, passando pelo processo de intersubjetividade. Estes poderiam concordar ou discordar das ideias, construir ou desconstruir informações, optar, acrescentar informações e, por fim, socializar suas experiências e vivências. A partir daí, o aluno passaria de um ser passivo, para um ser ativo, formador de opiniões, um sujeito crítico, autônomo, construtor da sua própria história e de seu próprio conhecimento.

Em todo o processo de socialização junto à professora, tornou-se perceptível seu interesse em colocar em prática tudo o que lhe foi apresentado acerca das tecnologias digitais. Essa, por sua vez, afirmou que a proposta apresentada iria facilitar e muito a forma de avaliar o aluno, tanto em relação à sua capacidade de elaborar textos como também a de expor suas dúvidas e aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o processo de atuação, de pesquisa e de mediação em sala de aula, foi perceptível o quanto os alunos de hoje anseiam cada vez mais por inovações. Inovações estas que atendam às suas necessidades físicas, cognitivas, motoras e afetivas. Como afirma Prandini (2004, p. 37):

A aprendizagem de um conteúdo, considerada uma atividade predominantemente cognitiva, se dá sobre uma base orgânica (ato motor); depende da motivação, da vontade da pessoa de aprender; mobiliza expectativas, ansiedade, medo (afetividade).

Teve-se a oportunidade de proporcionar atividades mais interativas, assim como uma nova forma de avaliação, na qual as subjetividades dos alunos sejam respeitadas, e onde estes possam expressar seus saberes, seus conhecimentos, e se insiram em um mundo cada vez mais tecnológico.

Tendo como experiência o presente trabalho, bem como a participação de todos os envolvidos na pesquisa, espera-se ter contribuído para uma melhor formação escolar, onde os alunos possam desfrutar de Currículos relevantes e significativos, onde não apenas os “pacotes curriculares” sejam reproduzidos, mas, seja possibilitado aos alunos que a partir do conteúdo apresentado pelo professor, na escola, construam o seu próprio conhecimento.

A experiência e oportunidade de estar na escola apresentando novas propostas pedagógicas ao docente e aos discentes foi de suma importância, tanto para a pesquisadora, como para os envolvidos na pesquisa. Em todo o desenrolar da pesquisa aprendeu-se muito com os alunos, o que se fez compreender o quanto é importante ouvi-los e como é produtiva a metodologia da pesquisa-ação.

A escola é um ambiente muito importante para a formação do cidadão, ela proporciona socialização, aprendizagem, respeito às diferenças, e oportunidades dos alunos aprenderem coisas nunca vistas antes. Portanto, precisa-se de uma escola que esteja atenta às mudanças sociais, que insira em seu ambiente propostas de ensino que atendam às necessidades do aluno, em sua heterogeneidade, não exigindo respostas e comportamentos iguais, sem comparações, mas respeitando cada ser como único, como construtor de sua realidade, de sua história e de seu conhecimento.

Percebe-se, em todo o processo de atuação, o quanto os alunos possuem saberes específicos, decorrentes de seu modo de viver, de se relacionar, de sua realidade, algo que é próprio. Não se está aqui dizendo que a escola não interfira na formação do cidadão, pelo contrário, ela interfere e muito. Então, os alunos já trazem para a escola características próprias, que são inerentes à sua cultura e isto não pode ser desconsiderado pela instituição. Por isso reafirma-se, aqui, a importância de uma educação contextualizada e da avaliação por meio do portfólio digital.

Cabe ao professor aproveitar os saberes dos alunos e contribuir para a formação do cidadão social, participativo, ativo.

Sendo assim, espera-se que o presente trabalho tenha contribuído para a revisão de práticas na escola quando se trata da inserção do uso do portfólio digital no processo educativo e também tenha trazido contribuições para a prática pedagógica da professora redimensionando a sua atuação profissional.

ABSTRACT

This article is to report the results of a survey conducted in October and November 2012, with students and teachers at a public school in Campina Grande-PB during supervised VI. The goal came in the form of collaborative intervention, which was presented and worked pedagogically the digital portfolio as a resource that promotes an innovative methodology with recent technologies, which can be introduced in the classroom, allowing the teacher to reflect on the importance of teaching the use of new information technologies and communication. The methodology used was action research, where through the regency of supervised classroom was possible to establish links with teacher and students in the class researched. The theoretical basis was given from Moran (2008), Hernandez (1998), Candau (1983), Freire (1996), Kenski (2007) among others. The relevance of this learning time will be in what you have to contribute to the debate focused on the issue, since the use of digital portfolio provides to students and teachers, the stimulus to be increasingly empowered in relation to technology information Society and Communication and the resizing of pedagogical practice and production and socialization of knowledge.

Keywords: Digital Portfolio. Evaluation. Digital Technologies. Didactics.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, L. R. de. Ser professor: um diálogo com Henri Wallon. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de (Orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004

CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação: Os Projetos de Trabalho.** Porto Alegre. Artmed, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação/Vani Moreira Kenski.** São Paulo, 2007. (Coleção Papyrus Educação)

MENEGOLLA, Maximiliano. **Por que planejar? Como planejar?** Currículo, área, aula/ Maximiliano Menegolla, Ilza Martins Sant'Anna. 19. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MORAN, José Manuel. **Aprendizagem significativa.** Entrevista ao Portal Escola Conectada da Fundação Ayrton Senna, publicada em (2008) Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/significativa.htm>. Acessado em 06/11/2012.

OTT, Margot Bertolucci. Ensino por meio de solução de problemas. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão.** Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. A constituição da pessoa: integração funcional. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de (Orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. Disponível em <http://professorelilopes.blogspot.com.br/2011/11/michel-thiollent-leitura-obrigatoria.html>. Acessado em 09/10/2012.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Lições de didática.** 2. ed. São Paulo, 2006. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico) Vários colaboradores.

WACHOWICZ, Lílian Anna. Avaliação e aprendizagem. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Lições de didática.** 2. ed. São Paulo, 2006. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico) Vários colaboradores. pág. 135.